

Reforma ameaça a segurança no HBB

CORREIO BRAZILIENSE

"Será que ninguém se preocupa com a nossa segurança? Afinal de contas somos seres humanos". O desabafo indignado de uma das telefonistas do Hospital de Base de Brasília parece não encontrar resposta entre os responsáveis pelas obras de reforma do HBB. Ontem pela manhã, uma parede do primeiro andar do prédio desabou em frente à única porta de acesso à sala onde funciona a central de PABX do hospital no subsolo, provocando pânico entre as telefonistas. Elas temem novos acidentes.

Contudo, o desabamento foi definido por Ailton Moraes de Carvalho, engenheiro responsável pela obra, como "corriqueiro" e as profissionais tachadas de "exageradas". Desde o início das reformas, somente as telefonistas trabalham nas instalações do Pronto Socorro do hospital, pois a transferência dos sistemas da central foi considerada inviável e dispensiosa pelo Departamento de Engenharia da Fundação Hospitalar. Elas afirmam que as condições de trabalho são as piores possíveis e que vivem sob constante estado de tensão.

O acidente de ontem não foi o único. No último sábado, o teto de gesso do banheiro caiu em cima do vaso sanitário, devido ao acúmulo de água no forro. As telefonistas apontam ainda como inseguros os tetos da sala de descanso (elas trabalham em regime de plantão) e do corredor de entrada da central, onde percebem, vez ou outra, a queda de "pedrinhas", sinal de que "alguma coisa está errada", afirmam. Se antes do susto de ontem as profissionais já estavam preocupadas, agora elas se dizem entregues "nas mãos de Deus". Uma delas, por estar grávida, recusa-se a trabalhar no local.

Se, por um lado, é fácil constatar o clima de insegurança vivido pelas telefonistas, difícil foi encontrar quem se responsabilize caso um acidente grave ocorra. Foi necessária uma verdadeira peregrinação pelo HBB, para descobrir que a questão da segurança dos funcionários não é da alçada do diretor do hospital, Mauricio Cariello, nem do chefe do Departamento de Engenharia da Fundação Hospitalar, Ronaldo Bragança Tzelikis, mas sim do engenheiro da Novacap que supervisiona a obra, Ailton Moraes.

Ele afirma que as telefonistas estão exagerando e que existe, por parte delas, "má vontade em cooperar com o trabalho". Indagado sobre os riscos de um incêndio de grandes proporções, caso o teto desabe sobre o sistema telefônico, que opera com altas voltagens, ele assegura que isso é impossível de acontecer, pois a sala está perfeitamente protegida. Ailton Moraes descartou a possibilidade de transferência das profissionais para outras dependências do hospital. Ele alega que, mesmo em caráter emergencial, isto traria muitos transtornos ao HBB.

Sem se sentirem nem um pouco tranquilizadas com as justificativas do engenheiro, as telefonistas disparam: "Se os responsáveis tivessem seus familiares expostos durante todo o dia aqui, será que a indiferença seria a mesma?". Elas sustentam que os riscos existem. Além do medo de que o teto desabe sobre suas cabeças, as telefonistas convivem com ratos, baratas e mosquitos, todos alojados nos armários e salas onde trabalham, depois que o prédio foi desativado. A constante poeira e o intenso barulho do canteiro de obras têm provocado até mesmo problemas de saúde entre as funcionárias.